



UMA CRÔNICA DE SÓ MAIS UMA CRÔNICA

Atilio Butturi Junior*

No próximo dia quinze de dezembro desse dois mil e vinte e três tão longo, vamos fazer um evento chamado **É só mais uma crônica: quatro décadas vivendo com hiv em Santa Catarina** - <http://inscricoes.ufsc.br/maisumacronica2023>. O evento é parte de um projeto que desenvolvo com Pedro, Nathalia, Camila e João¹ e que tem financiamento da FAPESC. Estamos ouvindo e conversando com pessoas que vivem com hiv, criamos um portal - <https://esomaisumacronica.ufsc.br> - e ainda estamos criando um curta-metragem.

Fiquei pensando no projeto ganhando uma cara e muitos rostos e refazendo um itinerário bem mais pessoal do que esse do parágrafo anterior - que costumamos ler como acadêmico. O que me move, afinal, é bem de outra ordem.

Quando eu era adolescente, aprendi logo que sexo era uma coisa perigosa. Ao menos, era perigosa para um menino que gostava de meninos, como eu estava aprendendo que era meu caso. Na televisão, ouvíamos falar de uma doença nova; em casa, junto com a enciclopédia que minha mãe comprou, vinha um livro preto, com letras garrafais na capa: DSTs.

Eu gostava muito daquele livro. Era um tempo em que descobríamos o corpo num esforço tremendo e um livro sobre “infecções sexualmente transmissíveis” - ISTs, como nos referimos nos dias de hoje, porque doença é outro lance - sempre parecia uma oportunidade. No livro que eu ganhei de presente - como um aviso pelos meus modos “sensíveis” -, no entanto, os corpos estavam sempre povoados de risco e graficamente mostrados como um problema.

Como todo adolescente, aquelas DSTs e aquela outra ainda, que chamavam da aids (assim em minúscula mesmo), não foi capaz de fazer sucumbir meu desejo. Hoje a gente escuta: *eram os anos noventa*. Naqueles anos noventa, para além dos livros, havia a vida e havia os meninos.

Um desses meninos eu encontrei por acaso, na casa de um amigo de um amigo. Lá nos anos noventa, éramos adolescentes e fazíamos teatro no interior do Paraná. E a gente ia conhecendo os meninos num silêncio às vezes constrangedor, às vezes benfazejo - porque lá nos anos noventa apanhava-se por qualquer coisa que soasse gay-bicha-viado.

Eis esse menino: lindo. O menino era lindo e estava vivo. Ele tinha uns três anos a mais do que eu e tinha saído do quartel.

Estávamos todos conversando e então alguém disse: *fala pra eles*. Porque a gente era do teatro e a gente era muito moderno. O menino disse que tinha aids. Ele não disse hiv nem nada, ele disse que tinha aids. E estava vivo e era realmente lindo.

Não me lembro exatamente como nos despedimos, mas eu fiquei pensando: queria ter beijado o menino. E também lembrei da DST do livro, e das fotos, e dos programas de televisão. Mas eu nunca mais vi o menino, que estava bem vivo, apesar de tudo.

No ano seguinte, eu continuava fazendo teatro e gostando de meninos. Aí eu tive o primeiro namorado e a gente sequer transou, porque éramos muito jovens e inexperientes e porque tínhamos medo: do livro, da

* Tutor do PET-Letras. Professor do Programa de Pós-Graduação em Linguística e do Doutorado Interdisciplinar em Ciências Humanas da UFSC. E-mail: a_butri@yahoo.com.br / @a_butri.

¹ Pedro Paulo Venzon, Nathalia Muller Camozzato, Camila de Almeida Lara e João Marcelo Faxina.

tv, dos meninos. Era um código silencioso que se respeitava.

Outra peça de teatro e no hall eu me lembro de estarmos em quatro pessoas que se gostavam muito e falarmos que o Renato Russo tinha morrido. Naquele dia em que nos encontrávamos, eu e minha amiga Rô e os meninos que a gente então amava. As letrinhas voltavam: morreu de aids. Pior, não contou nada, mentiu muito e era gay-viado-bicha. Ninguém mais sabia – penso que até hoje não sabe ainda – o que fazer com um ídolo juvenil das massas que morria daquele jeito proibido.

Depois desses meus quinze, dezesseis anos, logo ali, apareceram remédios potentes que passaram a fazer com que aquela doença virasse outra coisa. Aprendemos que existia o *coquetel* – mais uma invenção que hoje se resume a dois ou três comprimidos, em geral – mas muitos de nós continuaram preocupados e cheios de medo e culpa. Poucos se aventuraram e alguns mais ainda sucumbiram.

Descobri nesse tempo em que tudo é novo o Caio na biblioteca da cidade: *Triângulo das Águas*. Tinha lido numa revista que havia um Caio a um Trevisan, mas só achei um Caio. Não havia os *Morangos Mofados*, mas calhou de eu ler *O Marinheiro* e eu ler *Pela Noite* (eu estava querendo algo “gay” e *Dodecaedro* ainda era pouco). *Pela Noite*, eles se amaram e viram que era bom. Era bom, apesar de tudo.

Quando entrei em Letras, poucos anos depois, eu escrevi sobre o Caio. Escrevi sobre o Caio pelos meninos todos que a gente era, por aquelas letras e aqueles nomes e aquela gente que não chorávamos: fulano morreu e dava uma sensação estranha.

A sensação estranha demorou para passar, mas fomos nos acostumando a amar, a beijar os meninos. Acostumamo-nos também a fazer exames, que davam medo. Mas toda aquela história permaneceu como uma exigência pra um pedaço do que éramos, sobretudo nós que fomos para a universidade, sobretudo nós que queríamos aquilo que era bom.

Em 2015, alguns anos depois, um menino entrou na minha sala de aula, quando eu já era professor da Pós-Graduação. Ele foi assistir a minha aula porque queria fazer mestrado e pesquisar hiv. Era coordenador do GAPA-Florianópolis e eu, quando soube daquilo, percebi que tinha deixado parte da minha história silenciada.

Fui ler a Sontag e o seu a *A Aids e suas metáforas*. E fui ler e ouvir, e fui recuperar o menino lindo e o menino que eu era, e entender agora a genealogia e a tecnogenealogia dessa infecção que foi tão cheia de efeitos para pessoas não-heterocisnormativas (e não só pra elas). Aquele fantasma foi sendo descrito, contido, exposto: na minha memória e na rede de inteligibilidade que passei a criar.

Desde então, esse hiv crônico, essa cronicidade que parece nunca expulsar a aids, apareceu como apenas mais uma questão: é sobre estar vivo. Encontrei e encontro muitos meninos, alguns deles com hiv. Eles continuam lindos, mas agora eles falam e têm nomes – e não ficam em nenhum outro lugar que não o de meninos.

A cronicidade, aliás, também ensinou que amor e infecções, vejam só, são coisas de todas as pessoas. Justamente por isso encontrei não só meninos, mas meninas e menines e todas as combinações de pessoas que vivem.

Como naquele dia do Renato Russo, eu continuo fazendo coisas com pessoas de quem gosto muito, mas, diferente daquele tempo, as pessoas passam muito bem e não precisam ter medo ou ter vergonha. Vivem com hiv como vivem com outras infecções crônicas. Elas têm afetos diferentes, prazeres específicos e também os vivem cronicamente.

No final do dia e na página dois, nosso encontro do dia quinze tem todos esses anos da minha memória e todas as memórias dessa aids que desaparece (ou não) e desse hiv com que a gente aprendeu a conviver. E como o Caio e a metafísica cristã, acordamos e vemos, todos os dias, que isso é bom.

